



**LUIZ BERNARDO PERICÁS**

***MYSTERY TRAIN***

**SÃO PAULO: BRASILENSE, 2006**

**151 PÁGINAS**

por João Valentino Alfredo

Quando um viajante narra seus passeios, logo se imagina que ele apresentará algo novo. *Mystery Train*, de Luiz Bernardo Pericás, no entanto, segue o caminho contrário. O livro, em forma de memórias, conta as aventuras de um experiente mochileiro em suas viagens pelos Estados Unidos, feitas basicamente de trem, no verão de 2001. Ocorre, porém, que se trata de um país já familiar ao autor-narrador, que havia concluído seus estudos no país cerca de dez anos antes.

Com assunto conhecido por autor e leitor – considerando que os Estados Unidos são certamente o país estrangeiro de mais ampla divulgação no Brasil –, a busca de novidades se apóia mais na elaboração da narrativa. Grande número de paisagens e casos cotidianos se acomodam num texto com uma dinâmica que prende a atenção do leitor. Nesse aspecto, a enumeração dá força a várias passagens e certa unidade à obra, ecoando o monótono ritmo da viagem sobre os trilhos, como ocorre quando esta segue por caminhos do Colorado: “O chão trepidava: *catrac, catrac, catrac, catrac, tuiii, tuiii*, sinais, letreiros, *highways*, cruzamentos, estradas de terra, caminhões, tráfego intenso, gente acenando, trabalhadores ferroviários” (41).

Se nesse trecho logra produzir o efeito de paisagens passando na janela, em outros será a estrutura de *flashes* da diversidade urbana, da dimensão territorial ou de simples novidades e curiosidades para o estrangeiro. A repetição exaustiva desse mesmo recurso, porém, acaba por revelar a impossibilidade de esse viajante abandonar a condição de turista para mergulhar de fato no universo que experimenta e dele extrair

uma visão autêntica. Assim, *Mystery Train* mantem desgastados clichês que se cultivam no Brasil sobre os Estados Unidos, sua gente e sua cultura. Na caricatura de Nova York, traçada como “aranhas gigantes comendo cabeças”, por exemplo, pouco faz além de reafirmar a imagem já desbotada de uma metrópole árida, utilitária e vazia de sentimentos.

Cada trecho do itinerário se esgota dessa forma, nas aparências observadas de relance, e desconsidera qualquer complexidade do país, seja na organização interna ou na influência internacional. O mesmo ocorre nas críticas políticas. Com destaque, conta-se o caso do lendário imigrante, sindicalista e compositor popular Joe Hill, executado em Utah, em 1915, por um crime questionado pelo próprio presidente Woodrow Wilson. Ocorre que o relato é panfletário e ressentido, com um quê de vingança social. Entre críticas a eventos contemporâneos, a tagarelice sobre o orçamento militar norte-americano em tom de denúncia. E, para atar passado e presente, o chavão de a democracia norte-americana sustentar-se pela opressão.

O lugar-comum também povoa as avaliações, por assim dizer, antropológicas. Enquanto o imigrante mexicano é explorado e injustiçado, o norte-americano não passa de alienado, que jamais “pensa em salvar o mundo” (28). Inserido numa sociedade descrita pela constante busca de dinheiro, o indivíduo é sempre um apático, autômato, que come “vorazmente seus hambúrgueres imensos, sempre preocupado em fazer compras...” (83). Não escapam da visão simplista argentinos, que aparecem como turistas encantados diante do que chama de “cafonice”, justificando que “só podiam mesmo ser argentinos” (96); europeus, que, em duas linhas, são reduzidos a “uma piada” (101); e brasileiros, para quem estar ao lado de mais um conterrâneo já é “motivo para fazer uma festa” (50).

Há vários casos de escritores brasileiros que amenizaram a objetividade de seus relatos de viagem com certa dose literária, como Gilberto Freyre em *Tempo de Aprendiz* (publicado em jornal nos anos 1920 e em livro em 1979); Antônio de Alcântara Machado, em *Pathé-Baby* (1926); e Fernando Sabino, em *De Cabeça Para Baixo* (1989). Entretanto, a estante desses três livros, que igualmente caricaturam o estrangeiro, talvez não acomode *Mystery Trem*, ao menos pela ênfase com que este reforça estereótipos.